

**Glucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)**

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena
Editora
Ano 2019

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	Diálogos sobre inclusão 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-364-4 DOI 10.22533/at.ed.644192805 1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série. CDD 361.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” no volume III, organizou, na ótica da educação inclusiva, 22 artigos de cunho teórico-prático, metodologias de ensino e aprendizagem, que visam incluir pessoas, que são de alguma forma, excluídas da sociedade devido sua deficiência, gênero, raça ou etnia.

Pois entendemos, e fica provado pelas pesquisas aqui apresentadas, que é na sala de aula no ambiente escolar que o terreno se mostra fértil para sensibilizar a sociedade sobre o respeito e a responsabilidade de todos quando o assunto é diversidade e inclusão social.

Contudo, no grupo de estudos sobre pessoas com surdez, observa-se que apesar da obrigatoriedade legal que assegura a criança surda o direito de uma educação especializada que a alfabetize nas duas línguas -português e LIBRAS - a partir das salas de atendimento especializado, na prática não acontece e depende do educador a responsabilidade de todo o processo.

Já para os grupos de pessoas com altas habilidades e etnicorraciais os projetos pedagógicos e interdisciplinares conseguem atingir resultados que impactam não só a sala de aula como a comunidade local.

Percebe-se que o caminho para inclusão social- especialmente de pessoas com deficiência - é longo e deve começar de forma incisiva nos bancos escolares. E por isso esta coletânea torna-se um instrumento de alerta, só nos tornamos uma sociedade inclusiva quando todas as nossas crianças conseguirem chegar em suas escolas e entenderem a linguagem que o professor está falando.

Nós esperamos que os artigos escolhidos possam nortear todos os leitores em seus projetos educacionais, sociais e profissionais e estimular a sociedade a olhar para a inclusão como uma ação de responsabilidade individual, coletiva e globalizada.

Glaucia Wesselovicz

Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS	
Francisca Nailene Soares Vieira Martha Milene Fontenelle Carvalho Francisca Raquel Miguel de Sousa Rosane Santos Gueudeville Acreciana de Sousa Melo Fernanda Maria da Silva Cardeal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928051	
CAPÍTULO 2	9
A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mirtes Aparecida Almeida Sousa Dorivaldo Alves Salustiano Eliane Fernandes Gadelha Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6441928052	
CAPÍTULO 3	20
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL	
Joel Nunes De Farias Luandson Luis Da Silva Hosana Souza de Farias Nadjeana Ramalho da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Elenith Jussiêr de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928053	
CAPÍTULO 4	30
A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A VIDA DO PORTADOR DE SÍNDROME: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Estoécio Luiz do Carmo Júnior Rosélia Maria de Sousa Santos Brenda Oliveira Ferreira da Silva Adriana Silvino de Araújo Emanuel Heliomar Medeiros de Sousa José Ozildo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6441928054	

CAPÍTULO 5	39
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM DUAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DA REDE MUNICIPAL DE CRATO	
Daniela Valdevino Lima Luiza Valdevino Lima Geórgia Maria de Alencar Maia Valquíria Carneiro da silva Acreciana de Sousa Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6441928055	
CAPÍTULO 6	48
A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	
Thais Vinciprova Chiesse de Andrade Kelly Silva Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6441928056	
CAPÍTULO 7	59
ACOMPANHAMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE COMPORTAMENTO	
Bianca Cristina Leal	
DOI 10.22533/at.ed.6441928057	
CAPÍTULO 8	66
ALUNA DE BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA DE LIBRAS COM MEDIAÇÃO DO INTÉRPRETE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lana Carol de Sousa Martins Luana Fernandes Magalhães Sarah Maria Oliveira Terezinha Teixeira Joca Marilene Calderaro Munguba	
DOI 10.22533/at.ed.6441928058	
CAPÍTULO 9	77
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS IFS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES ATENDIDOS PELO NAPNE DO IFS/CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO	
Laila Gardênia Viana Silva Danise Vivian Gonçalves dos Santos Maria Aparecida da Conceição Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6441928059	
CAPÍTULO 10	88
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS	
Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.64419280510	

CAPÍTULO 11	99
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Andrialex William da Silva	
Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães	
Tarcileide Maria Costa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280511	
CAPÍTULO 12	109
DIFICULDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA COM ALUNOS ESPECIAIS -OBSERVAÇÃO EM UMA SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA	
Manuela Patrício Menezes	
Franciely Silva Apolinário	
Maria José Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.64419280512	
CAPÍTULO 13	118
DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Luiza Valdevino Lima	
Daniela Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Cássia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64419280513	
CAPÍTULO 14	126
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO	
Fabyana Soares de Oliveira	
Ana Aparecida Tavares da Silveira	
Sára Maria Pinheiro Peixoto	
Marcilene França da Silva Tabosa	
Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.64419280514	
CAPÍTULO 15	133
HIPÓXIA NEONATAL E A EXPERIÊNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.64419280515	
CAPÍTULO 16	140
LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilvânia Maurício Dias de Pontes	
Lucineide Cruz Araújo	
Natália Medeiros de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.64419280516	

CAPÍTULO 17	151
O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES	
Fabiane Cristina Favarelli Navega	
DOI 10.22533/at.ed.64419280517	
CAPÍTULO 18	160
O TRATO DA QUESTÃO ÉTNICORRACIAL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE SOBRE O INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE	
Raquel de Oliveira Mendes	
Rodrigo Bozi Ferrete	
DOI 10.22533/at.ed.64419280518	
CAPÍTULO 19	172
O USO DA BIOMECÂNICA E ANATOMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLA DA ZONA RURAL DO CARIRI PARAIBANO	
Breno de Sousa Moreira	
Diego Gomes da Silva	
Aellyson Cordeiro de Melo	
Washington Almeida Reis	
DOI 10.22533/at.ed.64419280519	
CAPÍTULO 20	183
SABERES E PRÁTICAS EM ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Artur José Braga de Mendonça	
Izabeli Sales Matos	
DOI 10.22533/at.ed.64419280520	
CAPÍTULO 21	194
SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE CINEBIOGRAFIAS: O CASO DA SUPERDOTAÇÃO DO MATEMÁTICO RAMANUJAN	
Clemir Queiroga de Carvalho Rocha	
Vicente Francisco de Sousa Neto	
Vera Borges de Sá	
Denise Maria de Matos Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.64419280521	
CAPÍTULO 22	203
UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUANDO O FATOR LIMITANTE SE TRANSFORMA EM FATOR MOTIVACIONAL DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	
Fabio Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.64419280522	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	211

DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Luiza Valdevino Lima

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato - CE

Daniela Valdevino Lima

Universidade Regional do Cariri – URCA
Crato - CE

Geórgia Maria de Alencar Maia

Universidade Regional do Cariri – URCA
Missão Velha – CE

Valquíria Carneiro da Silva

Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNIASSELVI
Juazeiro do Norte – CE

Cássia da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UERN
Missão Velha - CE

RESUMO: O presente estudo traça uma breve discussão a respeito da ludicidade nas metodologias do ensino de Língua Portuguesa, tendo como público principal os discentes surdos. É notório nos dias de hoje que a educação de surdos tem ganhado muita visibilidade, porém não podemos dizer que ela não precise melhorar. Comparando o panorama da educação de surdos em 1880 com o de agora, percebemos que os surdos tiveram um grande salto na luta pelos seus direitos, pois atualmente eles têm sua Língua reconhecida

nos estudos linguísticos e também nos meios legais. No Brasil, a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação. Porém, não podemos esquecer que o surdo precisa aprender a Língua Portuguesa, visto que é a língua oficial do país onde vivem. Frente a isso, procuramos nessa pesquisa traçar uma análise de como se dá o ensino de Língua Portuguesa para surdos e sugerir estratégias lúdicas para que os professores dinamizem suas aulas. Para o embasamento desta pesquisa, fizemos leituras de artigos científicos bem como livros que tratam da temática abordada nesta pesquisa. Consideramos esse estudo de grande importância, pois o tema escolhido é pouco discutido e necessita ganhar mais visibilidade. Esperamos que este trabalho sirva de suporte aos docentes que procurem modificar suas metodologias para o ensino dos surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Ludicidade, Língua Portuguesa, ensino, aluno surdo.

ABSTRACT: The present study draws a brief discussion about playfulness on methodologies of Portuguese Language teaching, with main audience the deaf students. It's notorious nowadays that Deaf Education has gained a lot of visibility, however we cannot say that it does not need be improved. Comparing the overview of education of the deafs in 1880 with the one of

present days, we realize that the deaf people have made a great leap in the struggle for their rights, as they currently have their language recognized in linguistic studies and also in legal means. In Brazil, the law nº 10.436 from 24 April, 2002 recognizes the Sign Brazilian Language as legal mean of communication. Nevertheless, we cannot forget that the Deaf needs to learn Portuguese Language, since it is the official language of the country where they live. For that reason, we aim with that research to draw up an analysis about how happens the Portuguese Language teaching to deaf students and to suggest playful strategies for teachers stimulate their classes. To the theoretical basis of this research, we made readings of scientific articles as well as books that deal with the topic addressed in this research. We consider this study very important, because the chosen theme is little discussed and needs to gain more visibility. We hope that this study be a support for teachers who seek modify their methodologies to teach deaf students.

KEYWORDS: Playfulness, Portuguese Language, Teaching, Deaf Student.

1 | INTRODUÇÃO

A educação de surdos ao longo dos anos vem ganhando espaço nas discussões de diversas pessoas que se interessam pelo estudo da língua. A comunidade surda vive em uma constante luta para ter os seus direitos garantidos e até nos dias de hoje podemos notar que a educação direcionada a esse público caminha a passos lentos, isso devido à inclusão ainda ser algo que geralmente não é dado a devida atenção.

Sabemos que no Brasil os surdos se comunicam utilizando a Língua Brasileira de Sinais, sendo essa sua língua materna, porém essa língua não substitui a modalidade escrita da Língua Portuguesa, dessa forma os surdos devem aprender essa língua na escola regular.

O ensino de Língua Portuguesa tem sido uma constante inquietação dos professores dessa disciplina, pois para eles não é ofertado nenhum suporte ou formação para lidar com esse público. Diante dessa problemática, a presente pesquisa busca compreender um pouco sobre como se dá o ensino de Língua Portuguesa para alunos com surdez e oferecer embasamento aos docentes, objetivando norteá-los quanto ao ensino desses alunos.

O interesse em dissertar sobre esse tema se deu devido a uma curiosidade em saber se os professores de LP procuram englobar seus alunos surdos nas metodologias utilizadas em sala de aula e se eles repensam sua postura quando se deparam com esses alunos. Igualmente temos interesse em sugerir que a ludicidade seja priorizada nessas aulas e como essa pesquisa objetivamos que esses profissionais encontrem suporte para reestruturar seus métodos e passem a conhecer melhor o público com surdez.

2 | METODOLOGIA

Com base nos objetivos da pesquisa, podemos caracterizá-la como sendo de natureza exploratória, pois procura se familiarizar com um certo tema, objetivando o fornecimento de informações para pesquisas futuras. Segundo Raupp e Beuren (2009, p.80), esta caracterização ocorre quando “há pouco conhecimento sobre a temática abordada”.

Quanto aos procedimentos seguidos, essa pesquisa é de caráter bibliográfico, conforme Cervo e Bervian (1983, p.55) a pesquisa bibliográfica:

Explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descrita ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO e BERVIAN, 1983, p.55).

Diante dos argumentos apresentados, destacamos que a pesquisa em questão busca embasamento em bibliografia publicada sobre determinado assunto.

3 | UM BREVE RELATO SOBRE A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Não raro, toma-se conhecimento, por meio de pesquisas realizadas na área da surdez, a respeito da educação de surdos no Brasil e no mundo. Os surdos passaram por grandes dificuldades para chegarem onde estão hoje, foram muitas lutas em busca do direito à educação, e sabe-se que essas lutas não param, pois é perceptível ainda, nos tempos atuais, várias barreiras que eles se deparam quando ingressam na vida escolar.

A história da educação de surdos nos mostra um panorama de lutas e reivindicações em busca de acesso à educação para as pessoas com surdez. Ao estudarmos sobre esse assunto, percebemos que muitos foram os contextos que os deixaram totalmente à margem da sociedade e, por conseguinte da educação. É relevante destacar que alguns filósofos da educação, em suas teorias, exprimiam preconceito e exclusão dos surdos ao se referirem à forma como deveria acontecer a aprendizagem.

Como exemplo, podemos citar o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.c.), ele acreditava que a aprendizagem se dava por meio dos 5 sentidos, assim tinha em sua concepção que a aprendizagem dependia também da audição. Dessa forma, o surdo não podia pensar e conseqüentemente, lhe era vedado o acesso à razão. Seguindo esse pensamento aristotélico, os surdos são incapazes de aprender, pois não podem ouvir.

Mais tarde, no século XVI, o médico italiano Girolamo Cardano se opôs ao pensamento de Aristóteles quando afirmou que a audição e a fala não eram indispensáveis ao entendimento das ideias e que a surdez do indivíduo traria uma

barreira na aprendizagem, porém não eram considerados deficientes mentais por não ouvirem. Segundo Jannuzzi (2004, p.31), este médico pesquisador “concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem de uma pessoa, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos.”

Ao longo da história da educação de surdos destacam-se três filosofias educacionais que deram base na aprendizagem desses indivíduos. Como afirma Dorziat (1999, p. 13):

[...] apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos, existem três grandes correntes filosóficas: a do Oralismo, da Comunicação Total e do Bilinguismo. (DORZIAT 1999, p. 13)

A filosofia oralista surgiu em 1880, no Congresso de Milão na Itália, onde foi votado qual método seria adotado para o ensino dos surdos. A grande maioria dos representantes que estiveram presentes nesse congresso votaram a favor do método oralista, cujo principal objetivo era desenvolver a fala oral no indivíduo com surdez. Com a ascensão desse método educacional, foi coibido o uso das línguas de sinais em todo o mundo, dessa forma a comunidade surda passou a ser educada na língua oral dos seus respectivos países. Segundo Strobel (2006, p. 247), o oralismo perdurou por 100 anos.

O oralismo não obteve resultados satisfatórios dando lugar assim a outra filosofia educacional chamada de comunicação total, esse método surgiu na década de 60. Segundo Quadros (1997, p.24), a comunicação total permitia o uso da língua de sinais para desenvolver a linguagem na criança com surdez, porém, conforme afirma Quadros (1997, p.24), “a língua de sinais é usada como um recurso para o ensino da língua oral.”. De acordo com esse método, os surdos deveriam utilizar a língua de sinais e a língua oral simultaneamente.

Na década de 70 surge a filosofia do bilinguismo, pois nessa época a comunicação total já não estava sendo eficaz. Como descrito por Quadros (1997, p.27):

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita (QUADROS 1997, p.27).

Frente ao exposto, percebe-se que a filosofia do bilinguismo trouxe grandes avanços na educação dos surdos, pois esse método respeita as línguas de sinais e conseqüentemente o surdo. Dessa forma, os surdos têm direito a utilizar livremente sua língua materna, e dentro do âmbito escolar o ensino das disciplinas acontecerão na língua deles com o auxílio de um profissional habilitado que faça a interpretação de uma língua para a outra.

É importante frisar também que o bilinguismo “tem como pressuposto básico

que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, e como segunda língua a língua oficial do seu país”. (GOLDFELD, 2002, p. 42). Portanto, no Brasil o surdo terá como L1, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e como L2, a Língua Portuguesa (LP).

4 | A LÍNGUA PORTUGUESA E O ALUNO SURDO

Em primeiro lugar é importante destacar que as línguas de sinais não são universais, ou seja, sabe-se que cada país possui sua língua oral e, por conseguinte o mesmo ocorre com as línguas de sinais. Conforme afirma Gesser (2009, p.11), “ora sabemos que nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua(s) própria(s) língua(s). (...) com a língua de sinais não é diferente.”. Portanto, no Brasil os surdos se comunicam utilizando a Língua Brasileira de Sinais:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual- motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Dessa forma o surdo é livre para interagir fazendo uso da sua língua materna, no caso a Libras e na escola regular deve aprender a Língua Portuguesa, que constitui para ele a sua segunda língua. É importante também frisar que os ouvintes brasileiros busquem conhecimento a respeito da Libras, para assim interagirem com os surdos e fazer a inclusão de fato acontecer.

A realidade da educação nos mostra que a maioria dos professores não possuem conhecimento da Libras, dificultando assim comunicação com o aluno e conseqüentemente a interação dentro da sala de aula. Assim sendo, esses professores necessitam do intérprete para poderem interagir com o surdo e delegam a responsabilidade do ensino desse aluno para esse profissional. É relevante destacar que a escola deve acolher o aluno surdo de forma que ele se sinta igual a todos os seus colegas ouvintes.

O aluno surdo na escola regular é exposto ao ensino da Língua Portuguesa, sua segunda língua, porém as metodologias usadas para o ensino dessa língua não são adequadas para este aluno. A lei nº 10.436/2002 enfatiza que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.”. Somando-se a isto, é importante lembrarmos que o ensino da Língua Portuguesa para o educando com surdez se restringe somente a parte escrita.

Recomenda-se que o professor de LP utilize, no ensino para surdos, metodologias que sejam próprias de segunda língua, levando em consideração o canal de comunicação das duas línguas, pois a Língua Portuguesa é oral-auditiva e a Libras, visual-espacial. Dessa forma podemos compreender que o surdo adquire

aprendizados por meio da visão, visto que a Libras é uma língua visual. Vale ressaltar também que o surdo, por não possuir o sentido da audição, tem sua visão aguçada, ou seja, ele é observador e tudo é perceptível aos seus olhos.

Em face do exposto, podemos perceber que a metodologia ideal para o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos é fazer o uso de imagens o máximo possível. Dessa forma facilitará a aprendizagem do surdo. No caso de conceitos abstratos, cabe ao professor criar uma explicação que seja melhor compreendida pelo surdo, podendo associar com seu dia-a-dia, trazendo mais próximo para sua realidade.

5 | A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

A palavra “lúdico” é original do latim *ludus* e remete a jogos e divertimento. Segundo Luckesi (2000, p. 96) o que caracteriza o lúdico “é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem o vivencia em seus atos”. A ludicidade transmite uma ideia de satisfação no que se vai fazer, tornando aquilo que é obrigatório em algo prazeroso.

O uso de estratégias lúdicas não é restrito apenas às crianças, ou seja, independente da faixa etária do grupo ao qual será ministrado determinada aula, usar a ludicidade é de extrema relevância. Levando em consideração a faixa etária, cabe ao professor selecionar atividades de acordo com a necessidade de seus alunos. Podemos frisar que o lúdico torna as aulas atrativas e conseqüentemente, prende a atenção do educando, este por sua vez, sentirá satisfação em aprender e não ficará cansado nas aulas, pelo contrário, terá sempre mais entusiasmo para retornar à sala de aula.

A ludicidade nas aulas de português para alunos surdos é de grande importância, pois é sabido que a LP para estes alunos se configura como segunda língua, ou seja, para eles o português é uma língua estrangeira. Como já mencionado anteriormente, os surdos, por não possuírem o sentido da audição, devem aprender basicamente a escrita da LP. É papel do professor de tal disciplina buscar metodologias para essas aulas, objetivando o êxito no ensino ministrado aos surdos. Nas aulas de Língua Portuguesa é necessário que o aluno compreenda o texto, e cabe ao professor procurar melhores métodos que façam o surdo entendê-lo. Dessa forma afirma Quadros & Schmiedt (2006, p.41):

Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão do texto (QUADROS & SCHMIEDT 2006, p.41).

Para as aulas de Língua Portuguesa é primordial que o professor utilize imagens, pois é inviável para o aluno surdo gravar o som de cada sílaba, portanto, o ensino deve ocorrer com base no uso da palavra escrita e da imagem referente àquela palavra.

Entretanto, não podemos esquecer que é de extrema importância fazer associação ao sinal em libras da palavra estudada, pois assim tornará mais fácil para o surdo gravar na mente o que aprendeu.

Inegavelmente podemos dizer que a utilização de jogos em toda e qualquer aula é uma metodologia que gera interesse do aluno no ensino-aprendizagem dos conteúdos, visto que é algo não rotineiro no dia-a-dia escolar. Em vista disso, o professor pode procurar base para dinamizar suas aulas, podendo buscar ajuda na internet, em livros ou em conversas com outros profissionais. O que o docente precisa ter é dedicação e vontade de procurar melhorar suas metodologias para ministrar suas aulas.

Retomando o termo lúdico no ensino de LP para surdos, podemos frisar que é importante ter em mente que, como o mundo do surdo é visual, abusar no uso de imagens é uma estratégia bastante interessante para ele, e assim usar estratégias lúdicas se torna mais prático e fácil para o professor. Um outro método para usar o lúdico é fazer jogos do tipo dominó, jogo da memória, entre outros, fazendo a associação da palavra com a imagem de modo que aluno fixe a escrita.

Não podemos esquecer das palavras abstratas da LP, essas são mais complexas para o público surdo, pois nesse caso eles precisarão se aprofundar no significado, e cabe ao professor procurar metodologias que faça o surdo compreender a palavra, procurar um meio para que ele consiga fazer uma associação e assim aumentar o seu vocabulário.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A uso da ludicidade como ferramenta de ensino é um método que necessita ganhar mais visibilidade no meio educacional, pois é de conhecimento geral que o lúdico torna as aulas menos cansativas e mais atrativas.

Podemos concluir com essa pesquisa, que no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos não pode faltar estratégias que motivem esses alunos a buscarem o conhecimento e dessa forma, alcancarem o êxito na aprendizagem da modalidade escrita desta língua, com isso, consideramos importante incluir o uso de estratégias lúdicas para dinamizar as aulas e, por conseguinte fazer com que os alunos obtenham o aprendizado esperado.

É preciso que o docente repense suas aulas e lance mão de metodologias que propiciem ao aluno assumir uma proposta mais ativa perante a sua aprendizagem. Sabemos que é sempre um desafio apresentar novas propostas aos alunos, porém, com o uso de estratégias mais atraentes a aprendizagem pode se tornar mais significativa.

Consideramos essa pesquisa de grande relevância no campo de estudos sobre o ensino para alunos surdos visto que, trata-se de uma área que necessita ser estudada, compreendida e difundida no meio educacional.

Almejamos que este artigo sirva como suporte para os professores refletirem

sobre suas metodologias e buscarem conhecer um pouco mais da realidade de seus alunos com surdez.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em 28/07/2018

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica:** para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DORZIAT, A. **Concepções de Surdez e de Escola:** ponto de partida para um pensar pedagógico em uma escola pública para surdos. São Carlos / SP: Trabalho de Tese (Doutorado), UFSCar (mimeo.), 1999.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 2 ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

JANNUZZI, G. S. M. **A. Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004,243p

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem.** Revista Pátio, ano 3, n12. fev/abr 2000.

QUADROS, Ronice. Müller de. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade.** São Paulo: Atlas, 2009. P. 76-97.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-364-4

